

ROSAS PERIFÉRICAS

ENTREVISTADOS:	Gabriela Maia Cerqueira (Gabriela Cerqueira) Michele Alves de Araújo (Michele Araújo)
Localização da atividade:	Parque São Rafael
Área de Atuação:	Teatro
Data da entrevista:	15/09/2020
Entrevistadores:	Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

O grupo desenvolve suas pesquisas em São Paulo desde 2008. Artistas e educadores(as), investigam linguagens cênicas ancoradas em processos de criação em equipe. Os temas vêm do que ronda as periferias onde vivem; a desigualdade social, o machismo, memória periférica, a feira livre e o tênis pendurado no fio elétrico.

ENTREVISTADO:

MICHELE ARAÚJO

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Renata CPDOC Guaianás: Vocês conseguem um recurso assim pra se bancar, tal?

Michele Araújo: Então, a gente começou com tudo foi vendendo rifa, trufa, cesta de café da manhã. Aí depois é... a gente conseguiu um primeiro edital e aí tá caminhando né.

Renata CPDOC Guaianás: O primeiro edital de quê que vocês conseguiram?

Michele Araújo: Mas foi assim né, no início foi vendendo trufa. O sonho. Primeiro foi isso, o sonho. A gente quer fazer teatro, a gente tava se formando, já fazia teatro antes né. A gente tava se formando numa faculdade, e aí a gente ia pra onde né? Pra onde a gente ia correr. Ia pegar nosso BRT e falar: “ô mano dá um emprego aí pra gente?” E acho que ao longo do período né que a gente começou a fazer teatro a gente escutou de muitos mestres e mestras né. “Vocês precisam se juntar”, vocês precisam tá juntos pra vocês conseguirem. Principalmente a gente né, que tá periferia, favelado, periférico, preto, preta. Aí então, essa quando a gente foi no último ano, a gente se juntou e montou o nosso primeiro espetáculo. E aí foi dessa maneira, rifa, trufa, nananã. Nossos recursos próprios, começou isso né. A gente começou a ensaiar. Nesse período,

como a gente fazia faculdade no centro e tava trabalhando no centro, aí a gente conseguiu uma parceria com a própria faculdade. A gente utilizava o teatro Ruth Escobar, e aí tinha, era de segunda, terça e quarta. No período da tarde como não tinha aula, só tinha manhã e noite, aí na tarde eles liberaram pra gente ensaiar. A gente ensaiava numa salinha lá. E aí depois foi isso, a gente foi indo no mesmo esquema, sempre vendendo, sempre trabalhando com outras coisas, pra depois a gente conseguir o primeiro edital que aí foi o programa VAI. Aí foi o primeiro, foi em 2014. Aí a gente foi, já viemos para o território né. Viemos pra cá pro São Rafael, decidimos que lá no centro a gente não tava vendo nosso povo, as pessoas que a gente queria dialogar e conversar de quem a gente tá contando as histórias, as nossas histórias, as nossas memórias, é das pessoas daqui né da periferia. Não é a galera que tá ali de fato no centro, que mora lá, que vive lá. A galera daqui vai até lá deixa o seu suor, na real mesmo é a pessoa que tá aqui, que a gente quer comunicar né? Aí a gente começou esse trabalho de memória aqui no São Rafael a partir de 2014, aí foi com o VAI que deu esse...deu esse “up” né? De a gente conseguir ter um figurino, sem a gente ter que tirar do nosso bolso, desenrolar, ter um cenário, comprar equipamento porque esse espetáculo de 2014 foi um espetáculo de rua, aí tinha...

Renata CPDOC Guaianás: Qual que era o espetáculo?

Michele Araújo: Narrativas Submersas, que é uma trilogia. São três: *Narrativas Submersas*, *Lembranças do Quase Agora* e *O Labirinto Selvático*. Que aí conta o passado, o presente e o futuro do Parque São Rafael, a partir das memórias que nós recolhemos dos moradores e moradoras daqui.

Renata CPDOC Guaianás: Ah que bonito, hein. E que faculdade vocês faziam lá no centro?

Michele Araújo: Paulista de Artes

Renata CPDOC Guaianás: Vocês tinham referências lá de pessoas, vocês falaram dos mestres que disseram pra vocês se juntarem?

Michele Araújo: No caso, pra mim e pra Gabi, o nosso mestre foi o Lauro. Que nem é da faculdade. A gente começou a fazer teatro no Sesi, ele era um dos coordenadores do SESI Santo André, porque é isso, a gente queria fazer teatro e não tinha aqui. Então a gente tinha que se desenrolar nos lugares próximos que a nossa mãe de alguma maneira deixava a gente ir, né porque ir pro centro né era, enfim era distante né. Agora com... tem mais acessibilidade, mas antes era muito tempo que você levava pra chegar até o centro né. E aí em Santo André, para quem mora aqui nessa parte da zona leste, Santo André, São Caetano, Mauá, são rotas mais rápido pra você chegar até o centro. E aí eu fui fazer teatro na EMIA e depois fui pro SESI que era onde tinha esse diretor né, esse mestre pra gente, ele sempre falava disso. E na faculdade

também tinha né, mas a faculdade assim eu não tenho, pelo menos eu né, eu não tenho... eu não criei muitos vínculos com os mestres dali. Eu acho que pra mim foi aquele momento dali e passou sabe. Eu acho que pessoas que eu tive contato que eu trabalhei com... depois com a Andressa, foi inclusive a gente conheceu ela lá, mas depois ela veio trabalhar com a gente, que foi uma mestra pra gente. Então o vínculo com a faculdade não.

Renata CPDOC Guaianás: Você falou...quem, quem foi uma mestra?

Michele Araújo: Andressa Cabral, Zanon agora, que ela mudou o nome.

Renata CPDOC Guaianás: E é comum o nome artístico, você tem algum nome artístico, qual que é o seu?

Michele Araújo: Michele Araújo.

Renata CPDOC Guaianás: Você tem quantos anos Michele?

Michele Araújo: Tenho trinta e quatro.

Renata CPDOC Guaianás: mas você nasceu aqui Michele?

Michele Araújo: Aqui não, eu sou do Sapopemba, eu sou daqui de dois bairros pra frente.

Renata CPDOC Guaianás: e você nasceu em Sapopemba?

Michele Araújo: Na verdade eu nasci em São Caetano, mas eu saí de São Caetano e fui direto pra essa casa que é onde eu tô até hoje.

Renata CPDOC Guaianás: Há 34 anos.

Michele Araújo: Só subiu uma escada, a diferença foi isso. Dá na mesma, o mesmo quintal, deu uma subidinha, uma escada a gente já tá ali.

Renata CPDOC Guaianás: E você mora com os seus pais?

Michele Araújo: Não, moro sozinha, mas a minha família, minha mãe e os meus irmãos moram no mesmo quintal.

Renata CPDOC Guaianás: E como que seus pais, sua família encarou você no teatro?

Michele Araújo: então, meu pai faleceu quando eu tinha quatro anos né, então não tenho muitas memórias até porque uma pessoa com quatro anos, não sabia né. Provavelmente ninguém esperava eu fazer teatro, porque eu sou muito tímida né. Então isso é uma barreira que minha mãe, uma das coisas da minha mãe que é: “nossa, mas você vai fazer teatro! Você não consegue falar com as pessoas, você vai pra uma festa e você fica num canto, você não consegue dialogar, você não consegue falar oi né”. Na rua eu não consigo às vezes, agora sim com muito exercício mental, eu consigo cumprimentar as pessoas. Mas eu não conseguia cumprimentar as pessoas, eu passava assim e se não tinha ninguém na rua pra mim era a melhor coisa, porque eu ia passar e não tinha que cumprimentar ninguém. Mas, enfim né, com o tempo

você vai ali né tem que falar com as pessoas, aí você vai se adaptando. Mas é... como o meu pai era enfermeiro, minha mãe queria que eu fosse enfermeira. E aí uma coisa assim, aí ela falava que eu era parecida, que eu sou né. Mas que eu sou muito parecida com ele, vocês tem o mesmo signo. Só que aí não era o que eu queria, né.

Renata CPDOC Guaianás: o mesmo signo?

Michele Araújo: É, eu e meu pai.

Renata CPDOC Guaianás: Mesmo signo, qual que é?

Michele Araújo: Ah... câncer.

Renata CPDOC Guaianás: Você é canceriana! Ô gente que chora que faz drama né.

Michele Araújo: Não é? Chorona, muitas horas. Cadê as águas? Já tá cheio de águas aqui né. Mas é isso né. É uma coisa que eu sempre falo, a minha mãe, ela foi a minha fábrica de realização de sonhos. Já vou chorar.

Renata CPDOC Guaianás: Aí que bonito.

Michele Araújo: Mas ela que realizou todos os meus sonhos, por mais que tem coisas que ela não, que é isso né, que ela quer ou que ela deseja, mas assim tudo, assim tudo na minha vida foi a minha mãe. Quando eu falei que eu queria fazer teatro. Por mais que ela... você não tem...você não tem é o lance da proteção. Como que você vai fazer algo do qual você não consegue conversar com as pessoas. Mas aí ela me apoiou. Então a minha mãe ela vai em todas as minhas apresentações, ela me ajudou a pagar a minha faculdade. E tem isso. Na época que eu comecei a fazer a faculdade não tinha Pró-Uni, não tinha cota, não tinha nada disso. Então eu trabalhava e ela me ajudava a fazer isso. E até hoje né ela me dá condições de fato pra eu conseguir continuar né na profissão. Eu acho que ela assim foi pra mim na minha profissão, minha mãe foi fundamental. Se não fosse ela realmente eu acho que eu não teria conseguido, eu não taria com esse sonho...que pra mim é um sonho né? De continuar trabalhando com teatro.

Renata CPDOC Guaianás: Você quer um copo d'água?

Michele Araújo: Não, eu choro mesmo, eu choro com todo mundo.

Renata CPDOC Guaianás: Importante essa história né. E sua mãe faz o quê? Assim, ela trabalha com o quê?

Michele Araújo: Minha mãe é vendedora. Desde os oito anos de idade, ela trabalha vendendo. E ela tem muita habilidade pra isso. Muita habilidade, muita. Essa semana inclusive... quando sempre... ela quer dar um conselho ela sempre vai lá na raiz, porque eu trabalhei, minha mãe...minha vó no caso né, colocava uma cesta de banana e eu tinha que sair vendendo, batendo

porta em porta com as pessoas pra comprar. Enfim, até hoje... ela trabalhou com outras coisas, mas o forte dela é vender. Uma sertaneja.

Renata CPDOC Guaianás: E você disse que começou a fazer, foi pro EMIA, né, no ABC em Santo André.

Michele Araújo: Na realidade pra mim com o teatro foi na escola. Comecei na escola. Você tem aula de arte e aí tinha um professor que tinha...o professor Josué. E eu já me interessava muito porque o meu irmão estudou na mesma escola do que eu. E aí meu irmão contava as coisas que era né. Eram dois professores que eles falavam, que era o professor Josué e o professor Rogério, que era o Rogério professor de história. E aí ele falava tanto que eu falava gente, não vejo a hora de conhecer essa escola. Foi isso lá na escola e também na Igreja né Quem tá na periferia tem uma ligação muito grande com a igreja, no caso meu era a Igreja Católica. Aí eu e minhas amigas da minha rua, minhas amigas de infância começamos a fazer as pecinha lá na Igreja, vamos fazer Sansão e Dalila, vamos fazer sei lá o quê, Davi e Golias. E aí depois a gente curtiu e se interessou e foi aí que a gente foi as três fazer, eu, a Rosana e a Liane, fomos fazer o primeiro curso de teatro juntas.

Renata CPDOC Guaianás: Tem quantos anos isso?

Michele Araújo: Ah eu acho que uns 12, 13 anos, por aí. Aí foi as três patetas, vestidas todas igual. Falou meu, vamos todo mundo igual. Porque isso, no teatro as pessoas iam todas muito arrumadas, isso na nossa cabeça né? Nossa, então a gente não pode ir de qualquer jeito. A gente escolheu a roupa, foi exatamente igual. A mesma calça, só mudou a cor da blusa né? Cada uma foi com uma cor. Mas era o mesmo estilo, o mesmo corte de blusa. Fomos lá, chegamos lá vendo todo mundo, moletom, camiseta, e a gente tava o que lá, de roupa social. Mas aí foi, na realidade eu falei da EMIA, mas primeiro a gente foi no SESI, foi em outubro, eu nunca vou esquecer, a gente chegou lá em outubro, aí a turma já tava rolando né. Mas como era uma turma livre, eles deixaram, viram lá os três par de vasos, fica aí. Aí depois a gente foi pra EMIA, que é a escola de iniciação artística que tem. Eu creio que ainda deve ter algumas atividades, eu não sei se essa que era do Pignatari que tem uma outra, que é Aron alguma coisa que tá do outro, que também em Santo André, não sei se tá funcionando. Eu acho que a do Pignatari tá desativada. Tinha vários cursos lá. Tinha de artes visuais, tinha teatro, tinha dança, tinha de música também. Aí depois que eu retorno pro SESI, que é o núcleo de artes cênicas do SESI Santo André. Aí fui fazer o curso livre, aí tinha o grupo que eles chamavam de grupo especial, que era quando faziam montagem, você, você ia se apresentando nos outros SESIs, nas outras unidades que tinham. Então a gente fazia viagens pro interior, se apresentando... no SESI.

Renata CPDOC Guaianás: Bacana hein, acompanhei muito o SESI do A.E. Carvalho. Devo ter te assistido lá, devo ter te visto.

Michele Araújo: Parceiraços nós tínhamos lá. Grandes amigos.

Renata CPDOC Guaianás: E conta mais pra mim, quando você vai pra faculdade, que momento que é esse? Que você fala, não, vô. Você trabalha com outra coisa? Como é que você...

Michele Araújo: É... eu decidi que de fato eu ia iria fazer teatro quando eu fiz um espetáculo chamado *Corpo Fechado*, que foi no SESI. Ali pra mim eu falei assim, porque eu amo várias profissões. Eu falo que eu faria seria várias prof... todas enfim psicologia, ah eu quero ser psicóloga, quero ser jornalista. Eu sempre pensei em muitas profissões, não o que a minha mãe queria, mas todas as outras. Quero ser investigadora, quero trabalhar no FBI, quero trabalhar no quântico. Todas... várias profissões. E aí a princípio eu falei quando eu fiz esse espetáculo eu falei é isso que eu quero fazer pro resto da minha vida. É isso que eu quero fazer, mas aí tem toda a dificuldade né. Então eu já trabalhei de várias coisas né. Eu já trabalhei levando uma criança na escola ah a mãe...aí tinha que lá levar na escola. Já trabalhei de operadora de telemarketing, já trabalhei em empresa de transporte aéreo, então tava fazendo teatro, mas ao mesmo tempo trabalhando com outras coisas porque, enfim, pra chegar no teatro eu precisava de uma grana pra pagar transporte, alimentação, enfim, tudo né. E aí quando foi esse espetáculo, *Corpo Fechado*, eu falei quero fazer. E aí a gente cada um foi pra um lado depois do *Corpo Fechado*. E aí eu acho que foi o Carlos que fazia teatro com a gente também no SESI, que falou dessa faculdade, a FPA. “Olha eu vou me inscrever e tal” e a gente do lado do SESI, né desse núcleo do *Corpo Fechado* assim, foi um monte pra lá. Aí foi eu, Gabi, o Everton, a Juliana, o Carlos foi, Carlos depois que ele foi que ele continuou. E aí foi quando a gente chegou que foi em 2006 em 2006, 2007... a faculdade, o primeiro ano?

Gabriela: Sete, foi de 2007 a 2009. Isso 2007.

Renata CPDOC Guaianás: E é lá que você encontra com o pessoal do Rosas Periféricas?

Michele Araújo: É a Gabi eu já conheço desde o SESI e é aí lá que eu conhece o Paulo. Que aí foi eu, o Paulo e Gabi que fundamos o Rosa, lá ali, eu vou montar o espetáculo, eu vamo montar um espetáculo, e aí eu Gabi éramos apaixonadas pelo Gangues de Aluguel e aí tem um outro personagem. E aí gente ali né naquele convívio com o Paulo e convidamos ele pra fazer e ele topou e foi que a gente fundou o Rosas pra fazer esse primeiro espetáculo.

Renata CPDOC Guaianás: Ah que bacana...E o que é que era o espetáculo?

Michele Araújo: Ele conta a narrativa de uma atriz negra que ela se forma na melhor escola de arte dramática e ela não consegue emprego nenhum na área né porque ela é negra. Então ela passa por diversas situações em teste que ela vai e ela é humilhada e acabam com ela, com a figura dela. E aí ela tem que trabalhar em vários outros empregos né pra ela conseguir, enfim, se sustentar. Então ela trabalha numa lanchonete e aí quando ela passa num lugar e vê uma placa pra ser, eles estão precisando de uma dançarina pra uma boate. Aí ela resolve entrar porque ela na cabeça dela era isso. Eu vou ter o palco ali. Então de alguma maneira eu vou tá fazendo o que eu amo e aí foi que ela se encontra com o personagem do Valério e com a da Silmara que o nome dela é Bete no espetáculo, e aí é um espetáculo que vai abordar a questão do preconceito, racismo, da misoginia, do machismo, é um espetáculo que traz as figuras né marginais que são né a prostituta, o cafetão, eh uma pessoa negra, então é um espetáculo que traz essa camada de uma sociedade que não...que as vezes não querem contar a sua história né. Mas a gente que precisa contar as nossas histórias, as nossas narr... se a gente não contar, ninguém vai contar né, ou contam e vão contar de uma maneira distorcida, então mais ou menos o espetáculo é essa a abordagem que rola.

Renata CPDOC Guaianás: E os outros espetáculos que vocês produzem tem essa mesma narrativa, tem essa mesma preocupação?

Michele Araújo: Sim, eu acho que todos os espetáculos da gente tem, a gente sempre aborda algo que está relacionado com a sociedade, com uma preocupação no desenvolvimento de uma sociedade melhor tem que se falar sobre desigualdade né. Acho que até *A Rádio Popular* que é um espetáculo da gente infantil, que ele é mais didático né porque a gente fala de ecologia, reciclagem, meio ambiente, mas mesmo assim é uma contribuição que a gente tá fazendo pra sociedade. Então por exemplo tem uma cena lá que a gente fala “ah vamo jogar no... vamo separar o lixo, vamo colocar cada um num vidro, coloca aqui, tem as cores certas.” Só que o que acontece, na periferia não chega o caminhão da coleta seletiva. Então você pode até separar, mas na hora da separação se junta tudo, então pra gente é uma questão mesmo esse que é um espetáculo didático, infantil, mesmo assim a gente aborda essas questões e acho que os outros todos vai, a maioria né, a gente vai colocar a questão da pessoa negra em cena que é algo que pra gente é muito importante porque a maioria das pessoas integrantes do grupo são pessoas negras e provavelmente se a gente não tivesse se juntado, a gente não teria espaço em outras companhias né porque é justamente um questionamento que acontece no espetáculo *Vênus*. Ela não consegue trabalhar né? Mesmo ela tendo se formado na melhor escola do né...mesmo ela tendo se formado na melhor escola, ela não consegue vaga porque ela é uma pessoa negra.

Renata CPDOC Guaianás: Eu assisti a uma encenação de vocês, *Ladeira Abaixo...*

Michele Araújo Gabriela e: Ladeira das Crianças

Renata CPDOC Guaianás: Ladeira das Crianças achei, aí me tocou muito aquela cena que você vai pra frente e você coloca as panelas né uma dentro da outra e começa a cantar aquela música, como é que é música que vocês cantam

Michele Araújo: A Barriga tá Vazia né.

Renata CPDOC Guaianás: é a menina da periferia.

Michele Araújo/Gabriela Cerqueira: eh....era uma vez [“Não a da panela...da menina”, Gabi fala e começam a cantar]

Era uma vez, na ladeira iremos contar o que a injustiça fez/Baseado em fatos reais cantamos pra vocês/era uma vez na ladeira iremos contar o que a injustiça fez/baseado em fatos reais cantamos pra vocês/amanhecer Esmeralda não é ficção/acordar de manhã e não ter nenhum pão/era a realidade de uma menina da comunidade/que aos nove anos de idade/já tinha responsabilidade/muito pensativa, pois acabou mais um dia/o que será do amanhã/minha barriga tá vazia/minha barriga tá vazia/minha barriga tá vazia/

Renata CPDOC Guaianás: Que lindo, assim eu fiquei muito emocionada. Achei lindo demais e isso pesa assim pra vocês. Algumas pessoas, vocês tiveram alguma dificuldade nesse sentido, em casa, ou não, isso é uma coisa que vocês vivenciam mais no cotidiano com as pessoas no território. A questão da fome, como é que isso pesa pra vocês?

Michele Araújo: Eu acho que a questão da fome na periferia né ela é sempre latente...latente não, pingente. A gente fez uma semana aí de latente e pungente né. Porque, né, mesmo que você tenha comida em casa, no meu caso, eu tenho pra três irmãos né, então a gente sempre vai ter que dividir. Às vezes você tá com fome e você não vai comer aquilo porque você sabe que você tem que deixar pro seu irmão que tá ali né. Mas tem né, uma das histórias do... um dos integrantes que é o Paulo ele conta duma narrativa nesse, inclusive, nesse espetáculo, que a gente aborda tanto na manhã e tanto no personagem do DJ, que ele ia pra feira e disputava comida com as pessoas no final da feira, né. Então é algo que, de fato, que a gente colocou em cena porque... os integrantes vivenciaram porque essa é uma narrativa é um espetáculo que também tem as nossas memórias né. Ele é baseado em dois livros literários do Ferrez que é o *Amanhecer em Esmeralda* e o *O Pote Mágico*, mas tem as nossas memórias e as memórias das crianças do Parque São Rafael e do Jardim Vera Cruz. Então é isso, quando a gente vai

pesquisar, quando a gente vai a campo tem temas que vão, que surgem né. E aí esses temas foram, um dos temas a questão da fome que chegou na nossa mesa. É isso, as panelas vazias né. E no livro, também, a narrativa da personagem Manhã, ela não tem comida. Ela vai de manhã pra escola, ela abre a panela, não tem comida. Ela abre o saco de pão, não tem pão. Ela vai pra escola com fome né, o que acontece nas bordas da cidade o tempo todo né.

Renata CPDOC Guaianás: E como é que vocês acham que o espetáculo de vocês, o que vocês trabalham, como vocês atuam impactam na comunidade, como é que fica, como vocês percebem que isso volta pra vocês assim?

Michele Araújo: Eu acho que a primeira coisa é quando você anda na rua e uma criança te reconhece. E pra mim, eu vou falar no meu caso né, é de reconhecer pelo nome. De perceber que você é uma pessoa, que você é palpável, que você pode tocar essa pessoa, que você pode parar pra conversar com ela de tantos outros assuntos né. Não tem esse distanciamento né. Então pra gente aqui é isso né. A gente tá contando a história dos moradores e moradoras daqui. Então pra gente essa aproximação e fazer com que...eu acho que trocar com que... esses habitantes daqui consigam fluir com a arte né. Eles tenham essa possibilidade do acesso que nos é negado o tempo todo né. Então quando a gente sai daqui e vai pro centro é porque a gente não tinha aqui, então agora é esse. Nós saímos daqui, fomos estudar pra gente ampliar o nosso conhecimento, mas a gente quer vir aqui e trocar com os nossos moradores daqui né. Olhar no olho dessa pessoa, conversar, cumprimentar a pessoa. Saber o nome dessa pessoa, saber a história dessa pessoa. A importância que essa pessoa teve no histórico de construção desse bairro né.

Renata CPDOC Guaianás: E o grupo tem hoje quantos anos?

Michele Araújo: Onze anos. Onze anos.

Renata CPDOC Guaianás: E que períodos assim que vocês percebem que foram diferentes, tiveram processos de mudança. Que vocês falam olha esse aqui foi um momento que foi difícil, mas também nós tivemos um momento de superação. O grupo sempre foi esse mesmo, são várias perguntinhas.

Michele Araújo: Então vamos lá.

Renata CPDOC Guaianás: Fala pra gente que ano que surgiu, que você fala “nascemos”, que ano que foi?

Michele Araújo: A gente começou essa vontade foi em 2008. A nossa fundação a gente determinou que é no dia da estreia do nosso espetáculo. Que foi dia 23 de maio de 2009, foi o

espetáculo que a gente... o primeiro que foi o Vênus de Aluguel. Mas as nossas pesquisas a gente começou em 2008, mas de fato o nosso estandarte é a data do nosso primeiro filho/filha.

Renata CPDOC Guaianás: E nesses períodos então, vocês começaram com três lá. Você, a Gabi, conta pra mim quem começou?

Michele Araújo: Eu, Gabi e Paulo, só que nós três era a base do grupo. As pessoas tão em cena, os três tão em cena e a gente sabe que tem tantas pessoas atrás. Pra uma pessoa tá em cena tem muita gente atrás né. Então a gente, né, convocou, fizemos um chamado meu vamo cola com a gente, vieram pessoas maravilhosas trabalhar com a gente que foi, primeiro assim, né, o autor da obra, que cedeu pra gente...pra gente fazer o espetáculo, por mais que é o nosso mestre, o meu mestre, mestre da Gabi que é o Walter Danziger, por mais que ele é o nosso mestre, mas enfim a pessoa tá cedendo a sua obra prum grupo que tá iniciando. Então acho que é isso, ele cedeu o espetáculo, o texto, a Andressa Cabral veio fazer a direção. Aí veio a Rebeca ajudar a gente na produção. Aí teve a Mistênia que deu pra gente, que deu ali umas dicas de figurino porque a gente não tinha como pagar ainda figurino, mas deu ali um auxílio. Teve o Ricardo que veio ajudar na iluminação, fazer operação de luz e som, teve o Dú que fez a filmagem, que é um parceiro nosso que também era da época do SESI, que veio, que filmou o espetáculo. Então vieram muitas pessoas somando para que o espetáculo acontecer. O Fabrício que ajudou na direção, a Kátia também ajudou no figurino. Então vieram outras pessoas assim e tudo na parceria, né. Porque foi isso né, a gente levantou dinheiro pra...que foi um intuito nosso. Nem que a pessoa receba um real, ela vai receber. Então a obra, os direitos autorais, a gente pagou os direitos autorais, a gente com bilheteria, conseguimos pagar um valor irrisório pra pessoa fazer a direção.

Renata CPDOC Guaianás: Aí você tava falando da direção. Então você chamou pra fazer a direção,

Michele Araújo: A Andressa.

Michele Araújo: Isso, a Andressa.

Renata CPDOC Guaianás: E cada um recebeu um pouco

Michele Araújo: Um valor irrisório né, tipo de bilheteria, que era muito pouco né. Até porque, primeiro né, a gente acredita muito na questão do...É um espetáculo independente, mas ao mesmo tempo, a gente não quer que uma pessoa deixe de assistir porque ela não tem o dinheiro né. Então a gente colocou a preços populares, por mais que a gente estivesse bancando o tempo todo mas, enfim, é nosso sonho né, quando a gente tem uma vontade, um desejo, a gente não mede esforços pra essas coisas acontecerem. E aí foi isso né, com as trufas vendendo trufa,

vendendo rifa, vendendo cesta de café da manhã né. Foi bem assim ó. Então muitas pessoas contribuíram pra comprar tufa, meu a gente enfiava trufa nas pessoas. Na época desse espetáculo a gente trabalhava num restaurante e meu, as pessoas ali foram fundamentais. Os garçons, os cumin, a galera que limpava. A galera da cozinha...foram fundamentais porque eles compravam muita trufa da gente. Muita trufa, muita rifa. Porque assim, além das trufas eram as rifas. Então a gente fazia as rifas e vendia e eles também foram também assistir, né, também pra gente isso foi muito... porque eram todas pessoas de periferias que trabalhavam naquele restaurante, todos nas bordas mesmo. Na borda da zona sul, na borda da zona leste, na borda da zona norte, na borda da zona oeste, mas tavam ali trabalhando né num lugar de bacana. Aí era isso né, foi um fortalecimento né. Acho que não, quando eu falo disso, para aquele espetáculo acontecer foi isso né. Até uma trufa que a pessoa comprou pra gente ela valeu muito porque a gente conseguiu ficar muito tempo em cartaz. E ficamos lá no centro né, porque a princípio as nossas atividades foram no centro. Então o ponto assim de dificuldade, acho que foi uma fase que eu achei que o grupo ele não ia continuar, que foi quando foi fazer, que a gente tava no processo de pesquisa do ato performativo “Fêmea” porque a gente já tinha feito dois espetáculos nesse mesmo naipe, levanta isso, faz isso, faz aquilo aí você tá trabalhando com outros coisas que não te motivam, que no fundo ela acaba até te desmotivando né. Você demora quatro, duas horas pra ir, duas horas pra voltar. Aí você fica lá, você é humilhado. As pessoas vê você como um invisível né, se torna pessoas invisíveis. Você é maltratado nesses empregos, as pessoas não tem cuidado com você, sabe? Um bom dia ou um boa tarde. É diferente né, a gente tava numa fase assim de ter que trabalhar né, porque senão a gente não comia. Então tinha que trabalhar de fato sim. Muitas horas né. E aí nesse período a gente tava ensaiando em Itaquera. Então a gente tava no centro e aí foi o momento assim bem difícil e aí começou a ter... não tava rendendo né? A gente tava trabalhando das 8 horas da manhã até 6 horas da tarde e aí você pegava uma condução no horário de pico pra você chegar em Itaquera e não tava produzindo né. Aí foi uma fase que alí não vai render, a gente não vai continuar. Mas aí acho que algo foi transformador assim que a gente ainda continuou. Aí foi quando a gente foi também fazer o espetáculo infantil e é isso. A gente tava ensaiando em Itaquera, mas a gente ainda tava se apresentando no centro. O ensaio era lá, mas a apresentação ela acabou sendo no centro. Aí a gente foi fazer o espetáculo Rádio Popular e a gente decidiu que queria fazer no nosso berço. E aí foi que a gente decidiu fazer uma circulação em todos os parques que tinham aqui da zona leste. A gente foi no Parque do Carmo, no CERET, Raul Seixa (falei errado, risos). E aí a gente viu que era o nosso público. A gente falou, “meu é pra essas pessoas que a gente quer conversar”. É com essas pessoas que

a gente quer comunicar, são essas pessoas que a gente dedica tempo da nossa vida. E é pra essas pessoas que a gente quer que a nossa arte se comunique. E aí foi quando a gente decidiu que vinha pra zona leste e aí a Gabi tinha uma parte da casa dela, ela cedeu a sala da casa dela. A sala e o quarto, né? Então ela ficou sem a sala e sem o quarto pra gente colocar os nossos materiais. E estabelecer o nosso território que é o Parque São Rafael. Então quando a gente veio pra cá, daqui a gente não saiu mais, pretende continuar muito tempo. Assim, enfim, né, vamos vislumbrar futuros aí. Ficar aqui né, aqui é a nossa casa, o nosso chão, o nosso terreiro. Por mais que nem todos os integrantes moram aqui né ...virou a nossa casa né.

Renata CPDOC Guaianás: E quando que vocês vieram para cá?

Michele Araújo: Em 2014

Renata CPDOC Guaianás: E essa casa aqui, como é que vocês chegaram nela?

Michele Araújo: É, então, vamos lá. A gente ficou lá no São Rafael né. Então a casa da Gabriela é lá pra baixo, lá no final da Baronesa e aí a gente fez esse espetáculo lá, o *Narrativas Submersas*, em 2014. E era um espetáculo que circulava pelas ruas ali do bairro. Aí depois nós subimos e fomos pro outro lado, aqui já no começo da Baronesa, pro outro lado, né, da Avenida, só que lá a gente começou a ter uns problemas né. Porque aqui no São Rafael, por mais que nós estamos numa periferia, ela tem uma linha imaginária da Baronesa pra lá e da Baronesa para cá. E essa linha imaginária é quando a pessoa tem uma ascensão social dentro da periferia. E aí ela acaba se fechando né. Ela acaba colocando muitos muros na casa, colocando muitas grades. Ela começa a entrar num medo. Mesmo você...E para de ocupar a rua, para de ocupar o seu próprio espaço, onde você cresceu, onde você mora. A pessoa acaba não ocupando. E aí a gente... E a gente sempre respeitava o horário né. Porque a gente tá dentro de um bairro que era dormitório né, e às 10h todas as nossas atividades sempre acabavam. Mas a gente... chamavam muito a polícia pra gente, mesmo a gente estando num período de horário né. Então às vezes a gente ensaiava na rua a gente teve atrito com morador porque a gente aborda as questões de matrizes africanas também dentro dos nossos espetáculos. E aí as pessoas são intolerantes né. Então com a gente vai tocar alfaia, vamo tocar adimbê e jogar, jogar não né, levar os nossos tambores pra lá pra rua. E tem gente que se incomoda né? Aí a gente teve uns atritos né, por mais que lá era um galpão né. Então, se você pensar numa questão de... até pra gente pra fazer um trabalho de corpo, um trabalho de voz, era melhor ter um espaço aberto sem ter paredes né, pra, enfim pra gente ter espaço. Essa é a questão. E aí a gente veio pra cá e aqui nessa parte, nessa linha imaginária, que tem a comunidade aqui embaixo, que tem a favela, a gente foi extremamente muito mais acolhido aqui. Então é isso, as nossas portas estão abertas e eles

abriram as portas das casas deles pra gente delas... É, foi um lugar de afeto que a gente encontrou aqui né no Parque São Rafael né. E é isso, né, a gente encontrou aqui uma casa. Que tem quintal, que tem salas, mas que pelo menos a gente não tem que ter esse tipo de desconforto né. Eu acho que é importante que exista segurança né. Só que também não por uma intolerância né. Não sei se eu respondi...

Renata CPDOC Guaianás: Michele tem algo que você gostaria de acrescentar, que você não falou, que você gostaria de acrescentar, de falar, de comentar pra gente. Algo que foi marcante pra você em relação ao grupo. Um fato do grupo...

Michele Araújo: Ah...eu não sei agora...Acho que aqui eu posso ser quem eu sou. Acho que é... Às vezes quando a gente tá em ambientes que você não é respeitado pelo seu ser, né? E aqui é um lugar que eu acho que é isso pra todo mundo né. A gente, todo mundo tem uma coisa muito marcante no Rosas que é. Pra gente decidir, “eu vou comprar uma agulha”, todo mundo vai ter que falar se realmente a gente vai ter que comprar essa agulha. Todo mundo vai ter que dar a sua opinião. Isso demora? Demora muito tempo as vezes né. E isso eu levei como aprendizado né, que até pra controlar a sua ansiedade e você sempre querer que a sua opinião ela seja a frente. Não. Então aqui a gente sempre anda lado a lado, né, de mãos dadas o tempo todo assim. Então isso pra mim é muito marcante, poder ser quem eu sou, falar o que eu desejo e os meus sonhos, partilhar a minha vida né. Que eu acho que é isso. A gente trabalha em lugares que as pessoas não tem acolhimento né. As pessoas não olham no olho. E aqui a gente tem isso, e olho no olho, é mãos dadas o tempo todo, é lutar. Esse processo democrático entre nós assim. Independente se a pessoa, se eu que tô que tava desde o início ou Mônica e Rogério que entraram por último no grupo. Não. Todo mundo tem o mesmo pé de igualdade, equidade, entre nós.

Renata CPDOC Guaianás: legal, muito obrigada, muito conhecimento, aprendi muito aqui. Agradeço demais, verdade, achei lindo. Pra gente, a gente tem feito um trabalho importante, a gente chega vai conversando com vocês, mas a gente também se sente parceiro, se sente muito feliz de fazer isso porque estamos no mesmo viés, na mesma realidade. Então essa parte que vocês carregam aí que a gente traz também. No outro canto da cidade. Na mesma borda fica bem estranho assim. Mas é isso, agradeço muito

ENTREVISTADO:

GABRIELA CERQUEIRA

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Gabriela Cerqueira: É eu me chamo Gabriela, meu nome artístico é Gabriela Cerqueira. Eu tenho 32 anos, sou conhecida como Gabi e, como a Michele falou, cada um aqui no grupo tem uma atividade que se dedica mais e eu gosto de me dedicar além da atuação às palavras, gosto de escrever, gosto de mexer com essas coisas da escrita. Com a escrita de projetos, então nas minhas funções eu acabo me dedicando a essas, mais a essas áreas.

Renata CPDOC Guaianás: E você é daqui

Gabriela Cerqueira: Originária sim, as maternidades da região eram o caos nos anos 80, ninguém nascia aqui. Ia nascer em Santo André, ia nascer em São Caetano. Nasci em Santo André, mas passei a minha vida inteira aqui. Aí quando eu fiquei adulta, mais de vinte e poucos anos aí eu comecei a ter um espírito um pouco nômade. Um ano eu moro em São Paulo, um ano eu moro em Santo André. Quando a gente mora de aluguel, a gente pode ficar sujeito a trocar de casa toda hora né. Eu fico sempre nesse pedacinho, mas são áreas muito próximas aqui. Essa parte do São Rafael e Santo André, então fico sempre nesse espaço. Me criei a vida inteira aqui. Meus pais também são daqui e os meus avós chegaram aqui para formar família. Então a gente tá no território assim há um tempão.

Renata CPDOC Guaianás: Mas seus pais e sua família são de São Paulo, daqui da capital?

Gabriela Cerqueira: Eles viram para cá, meu pai nasceu no interior de São Paulo, ele nasceu em Dracena e depois quando ele era jovenzinho, veio passar a infância aqui em Sapopemba no Jardim Grimaldi. E a minha mãe não, minha mãe nasceu aqui, meus avós vieram para cá, eles eram do interior, meu avô do interior de Minas, meu vô do interior de São Paulo. Vieram pra São Paulo pra trabalhar, se conheceram aqui mocinho em baile de carnaval. Meu ia pra baile de carnaval! E ficaram juntos, enfim, e aí a gente acabou ficando todo mundo por aqui. Da parte do meu pai vieram então o meu pai era adolescente, do interior de Dracena para cá. A origem dessa família de trabalhadores, de operários, de dona de casa, de faxineira, de comerciantes, dono de mercado, essa vida periférica nossa. E acho que...

Renata CPDOC Guaianás: Você é atriz?

Gabriela Cerqueira: Sou atriz. Porque toda família favelada tem que ter alguma coisa de diferente né? Aí tinha esse desejo de me tornar atriz, acho que... Meu pai foi o primeiro que fez faculdade assim na minha família e depois do meu, pra mim o caminho estava mais fáceis por mais que outras pessoas da família não tivessem cursado, não tivessem se aprofundado nos estudos. Ficavam sempre no ensino médio e por conta do ensino médio, descolavam esses serviços que foi os que relatei. Então eu tinha essa coisa que ai que era o meu pai fez faculdade então eu também quero fazer faculdade. Mas quando a gente começou a fazer teatro, esse sonho meio que ficou bambo, porque eu achava que não existia faculdade de teatro. Ah teatro? Tem faculdade disso? E aí quando a gente começou mesmo nesse período de terminar o ensino médio, que eu fui descobrir que tinha faculdade de artes cênicas, que eu também me tornava professora de artes e aí esse negócio interessou a minha família porque eles viram que eu ia ter uma profissão. Se eu fosse só atriz eu acho que eles não teriam concordado jamais com essa profissão, mas como eles viram que eu ser professora de artes aí eles me deixaram fazer a faculdade. Não me deixaram porque iam financiar, só deixaram mesmo e eu que paguei. Então, então eu sabia que queria fazer faculdade, não sabia que tinha faculdade de teatro, só descobri isso no final do ensino médio, que existia, que eu poderia me tornar uma professora de artes.

Mas essa vontade de ser atriz, ela foi assim como a Michele contou foi despertada muito na escola e na igreja. Frequentei a igreja católica, só que eu frequentei uma igreja que aquelas que se originaram nas teorias do Paulo Freire, na teoria da libertação que as CEBs né, Comunidade Eclesial de Base. E isso é muito diferente de você fazer parte de uma igreja carismática que é mais voltada pra celebração pras histórias de Jesus e tal. As CEBs além disso tem o momento do compromisso político com o território, com o social. Então a gente se envolveu em lutas aqui contra incinerador, que queriam colocar aqui no bairro de lixo, depois eu não sei se vocês se lembram, ia ter o Acordo Livre das Américas, o ALCA. Aí o povo da igreja fez uma mobilização contra também. E todas essas mobilizações envolviam ações cênicas, peças de teatro. Aí a gente se envolvia, gostava, na escola também gostava disso. Aí tive um professor, professor Vanderlei, que falava assim, olha, e eu estudava no SESI, no SESI Santo André, consegui uma vaga lá. Consegui uma vaga em Santo André! O desprezo pelo território do passado. Que hoje a gente vem fazendo tudo ao contrário. Mas naquela época lá tudo era Santo André. Porque você não vai fazer o SESI tem um curso de teatro lá, superbacana. E aí fui fazer, encontrei Michele lá. Isso foi em 2002, quando eu fui pra esse curso de teatro no SESI. E aí já

tinha essa experiência da Igreja. E aí só que lá era diferente com esse primeiro orientador. Ele não tinha nada de coisas sociais. Ele era um cara do brilho, do palco, queria ver a gente decorando e fazendo cena. Eu fui apresentada pra um outro no lado no mundo do teatro, que era o teatro nesse lado mais profissional mesmo que eram coisas de haver com a linguagem, não porque eu queria contar uma narrativa e usava o teatro. Ali era o estudo do teatro mesmo. E aí me encantei por isso, achei muito bacana. Aí no seguinte a gente conhece... a gente mudou de orientador, teve o Walter Danziger, que aí ele abriu esse outro lado do teatro. Que não era nem o lado técnico, nem o lado social. Era um lado do encanto, o lado da fúria, o lado da paixão que muitos artistas já tinham feito isso, muitos artistas marginais que a gente tinha que conhecer a nossa história, que se a gente não conhecesse a nossa história e não a contasse ninguém ia fazer isso. Então ali foi um divisor, o Corpo Fechado, que eu falei nossa eu quero fazer isso pro resto da minha vida. Isso une as coisas que eu quero. Mas ao mesmo tempo já sabia que isso ia ser difícil porque a família periférica ela quer um filho CLT né, que tem uma carteira de trabalho, direito à aposentadoria, férias. E o teatro não oferecia isso. E eles não querem isso porque eles são malvados. É porque sabem como é o dia a dia cara. Cê vai ficar aí fazendo depois passa uns piores bocados, como é que tá né? A única coisa curiosa que no meio dessa pandemia, o fato de eu ter ido fazer teatro e ter me especializado me deixa em uma situação diferente dos meus familiares que tavam falando “não faça isso, vai arranjar um trabalho, vai ser recepcionista, vai ser ficar ali sei lá no salão, trabalhei de recepcionista no salão de cabeleireiro”. Então as pessoas achavam que isso era mais potencial do que investir na sua vida artística, na sua carreira. Porque também não tem noção disso. Sei lá o que a minha mãe imaginava quando eu falava pra ela que eu queria ser atriz né. Que é que passava na cabeça dela. Então é isso. Diferente da Michele minha família não apoiou assim esse sonho, não achava legal. Não se esforçavam pra me levar, pra assistir minhas coisas e isso continua até hoje. Acho que no começo eu sentia falta porque eu via assim os meus colegas, todo mundo tal ali com prestígio. Mas, ah, hoje eu não sinto mais falta. Entendo que tudo bem. Cada um gosta de uma coisa e tudo bem assim mesmo. Não teve esse apoio assim, vou te ajudar, não rolava.

Renata CPDOC Guaianás: Gabi então como é que vocês fundaram, como é que você entrou nesse grupo junto com a Michele e com outras pessoas, como é que foi pra você esse primeiro momento de chegada?

Gabriela Cerqueira: então lá no SESI, nesse contato com esse diretor, a gente entrou em contato com as obras que ele escrevia, porque além de diretor, ele era dramaturgo e pra nós foi uma dramaturgia nova que, embora a gente tava conhecendo a dramaturgia teatral, conhecer

uma dramaturgia teatral periférica lá em 2002, 2003 era muita novidade né. Hoje não, cê vai falar disso, tem muitas pessoas já tratando a literatura periférica, dramaturgia periférica. Mas na época pra gente soa assim como algo novo, então a gente ficou muito encantada com o texto *Vênus de Aluguel*, assistimos algumas vezes, porque ele entrou em cartaz com essa peça, então a gente assistiu. A gente pensava que a gente tinha tudo pra fazer, a gente gostava dessa história, a Michele era a nossa atriz negra, a gente não precisava de outra atriz pra fazer e a gente precisava só do cafetão, que era o Paulo. Aí a gente convidou, como a gente era do mesmo grupo a gente convidou o Paulo que era da faculdade, o Paulo aceitou. Convidamos a Andressa pra fazer a direção e aí foi se formando o time. Fiquei com o grupo no *Vênus de aluguel*, depois fiquei também no espetáculo seguinte, que foi *A Mais Forte*, que era uma obra do Augusto Srtindibi [??], a gente tava fazendo uma formação na Escola Livre de Teatro com o Antônio Rogério Toscano. E o Toscano tava passando pela história do teatro e a gente se debruçou um tempo nessa obra do *A Mais Forte* e trabalhou muito com a misoginia, né, do ódio entre duas mulheres porque uma representava a esposa a outra era a amante, então elas ficavam ali naquele debate. E era um monólogo. A gente falou, ah vamo fazer um monólogo agora? Além da gente gostar do tema, a gente pensou que talvez fosse mais fácil pra produzir, né, vai ter uma atriz só em cena, vai conseguir organizar tudo pra ela. E foi muito legal a gente fez ainda no centro, que foi uma experiência muito bacana. Nesse espetáculo eu fiz a direção e é muito legal você trabalhar com uma atriz como a Michele, que ela é maravilhosa, então... É verdade, falei isso até olhando aqui. É verdade! Foi muito bacana a experiência pra mim. Muita confiança de um artista se entregar na mão de uma pessoa: “vai por aqui, vai por ali”. Sendo que a gente mesmo tem um instinto enquanto artista. Você sabe o que você considera que é melhor. Então né acho uma grande confiança quando a gente se entrega na mão de um diretor. Aí o terceiro trabalho do grupo, que foi *A Fêmea*, que esse que a Michele comentou que foi uma dificuldade, eu não tava nesse trabalho. Eu saí do grupo nesse momento. Eu nesse momento tinha entrado na companhia Os Satyros e também tava querendo entrar num processo de pós-graduação, porque a gente tava concluindo a faculdade, aí então eu achei que não ia dar conta de tudo e abri mão de tá no Rosas assim. E foi muito ruim esse momento né de você sair da história do seu grupo, mas depois eu voltei graças a Deus. Quando a gente vai fazer “O Rádio Popular da Criança” que aí a gente conversou né de fazer um espetáculo popular, de fazer na zona leste, de aprofundar a busca no nosso território, de fazer... Independente de se as pessoas forem pagar ou não que isso começa a virar um problema, como a Michele falou a questão do ingresso. Por mais que seja barato, às vezes é um empecilho né? Tudo na nossa vida pras pessoas que a gente

queria trocar com o público era um empecilho. A distância. Então, daqui pra você assistir uma peça lá no centro. Depois os valores, porque não é só ir até o centro, tem um preço eu ir até o centro, e se eu for sozinha é um preço, se eu for com a minha família é outro. O ingresso também tem um preço, se eu vou assistir sozinha é um preço, se eu for com outras pessoas eu tenho que bancar de todo mundo. Eu acho que não é nem as vezes a falta de dinheiro, como a gente vai investir o nosso dinheiro mesmo. Poxa eu vim fazer todo esse trampo todo. Vou fazer uma peça lá no centro de São Paulo que não tem nada a ver comigo. Não. Vou pegar essa grana e vou fazer um churrasco aqui, vou fazer uma supercomunhão, ter um momento um momento alegre, então...

Então a gente teve essa mudança na Rádio que foi a minha volta pro grupo também. E foi muito maravilhoso, aí foi um outro momento da nossa história né porque aí tudo o que distanciava o nosso público, começou a aproximar. Começou a ser mais perto de casa, começou a não ter uma roupa especial pras pessoas irem. Onde eu vou hoje no Parque, vamo de qualquer jeito, eu tô ali. Então eu vou aproveitar pra fazer tal coisa que o público que tá transitando para pra assistir. O compromisso é diferente né, pra pessoa periférica, que às vezes, às vezes não, a gente pensa muito que teatro tem muito essa capa da elite. Então as pessoas acham que não é pra ela, então eu não vou nem me aproximar dali. Muitas vezes a gente experiência isso aqui no bairro. Às vezes a gente tá na praça e os moradores ficam da janela assim ainda. E aí no outro dia eles descem até embaixo, depois aproximam mais um pouquinho. Até você...ah isso aqui é o quintal da minha casa, isso aqui é meu também. Então foi onde a gente mudou assim a nossa cabeça, foi começar a pensar nessa lógica do território. Que veio por tá na rua, por fazer um teatro de rua. E aí eu tava com a casa aqui no São Rafael, então vamo usar a casa como se fosse essa base pro nosso trabalho, vamo o ano que vem começar a ensaiar aqui que essa casa aqui era da minha mãe e ela deixou eu morar aqui uns tempos, então era uma casa grande eu decidi aproveitar a casa. Morava eu e meu ex-marido, então imagina, a casa era gigante e a gente foi fazer teatro lá.

Renata CPDOC Guaianás: Conta pra mim um pouco sobre a Rádio Popular.

Gabriela Cerqueira: Então, a Radio Popular da Criança. Depois desse momento, a gente teve o nascimento do grupo, o momento alto. Depois a gente teve esse momento da Fêmea, não saber como se articular, muito trabalho pra fazer que impedia a gente de ter uma dedicação pro grupo. A gente pensou isso, vamo pra rua, vamo fazer um teatro popular. E aí a gente teve uma ideia de fazer uma peça infantil porque a gente percebe...Até aqui hoje a gente percebe que as

crianças são as primeiras pessoas que chegam. Os adultos vão dando passos devagar, ou só vão porque meu filho foi. Então a gente pensou assim, vamos tratar assim com essa linguagem do público infantil. Como também somos educadores, a gente já tinha passado por um processo de formação na faculdade, a gente também tinha mudado o nosso olhar sobre a educação, né. Embora a gente foi atrás da faculdade pra se tornar atores e atrizes, a gente acabou sendo professor também. E aí a gente começou a ter esse olhar diferenciado pras infâncias. E a gente falou, ah, tem que ser criança, mas qual tema? Então a gente não conseguiu na época. Só veio agora com a Ladeira das Crianças né. Mas na época a gente não conseguiu construir um espetáculo que fosse infantil, que fosse na rua e que dissesse quem a gente era. A gente pegou um tema que foi a reciclagem e montou em cima disso. É claro que tem particularidades como o texto foi escrito pela gente, que acaba vazando quem a gente é. Como a Michele com na cena que fala assim: “eu separo o lixo, no bairro não tem coleta seletiva, que adianta”. Por mais que o tema fosse reciclagem a gente acabava colocando coisas da nossa realidade ali. E foi muito feliz assim porque depois dessa ida pros parques a gente conseguiu fazer um material legal porque sempre tava de dia, a luz era ótima, a gente conseguiu fazer fotos bacanas, vídeos bacanas, as crianças foram incríveis e a gente percebeu que tinha uma potência ali naquele espetáculo e começou a mandar pra editais também. Aí o primeiro edital que a gente conseguiu, foi antes do VAI, que foi um edital de total financiamento, a gente conseguiu o PROAC-ICMS, que é aquele que as empresas destinam recursos pro grupo e não contribuem com o imposto né. E aí foi muito bacana, de quebra a gente ganhou uma grana que não tinha sido a gente que tinha botado pra gente fazer o projeto. Aí a gente fez o Rádio Popular da criança, como era um projeto estadual, em várias estações de trem do Estado. Então a gente fez em Santo André, Rio Grande da Serra, fizemos Francisco Morato, tudo que era linha do trem a gente passeou. E foi muito legal, isso deu um crédito pra gente frente aos outros editais, frente a outras coisas porque na época a gente ficava muito bravo. Não é possível que a gente não consegue pegar um recurso, como é que isso acontece, tem tanto grupo e só poucos pegam. Aí a gente fez uma formação muito importante sobre projeto, foi um dia bem pontual assim que mudou o nosso olhar sobre envio de projeto. Mas contar com esses recursos fez com que o nosso trabalho mudasse, desse um salto de qualidade né.

Porque uma coisa é você fazer sem recurso algum e sem recurso algum é desde você tá tirando um transporte ou um lanche, se você saber que você não vai gastar o transporte e o lanche o seu trabalho já muda, sua cabeça já libera, vai com outro aspecto, ter um figurino ainda, conseguir

fazer um cenário. Nossa pra quem não entende da cultura, não sabe o que são esses recursos, 20 mil, o VAI enfim 30 mil, faz uma superdiferença. A gente consegue comprar equipamento, mobilizar as pessoas, consegue emprestar equipamentos dentre os grupos né. Então essa entrada no mundo dos projetos e editais foi graças ao Rádio Popular da Criança quando a gente conseguiu entender assim esse universo que foi o primeiro PROAC ICMS.

Renata CPDOC Guaianás: E que ano que é o PROAC?

Gabriela Cerqueira: É a gente acabou, ganhou o projeto em 2013, mas a gente apresentou em 2014 e 2015. Aí o segundo a gente já ganhou em 2014, que foi o VAI. Foi muito bacana também, ter recurso, poder atuar na nossa zona leste, poder entrevistar os moradores né porque como a gente veio aqui pro território, então todo mundo era de periferia, sempre morei aqui no São Rafael a gente acabava fazendo alguns ensaios aqui. Todo mundo conhecia já o território, mas assim quando a gente veio pra cá mesmo, que ficou e teve a nossa casa, que foi a sala da minha casa, a gente pensou em conhecer de fato o território. Porque como é que eu vou chegar “ô gente vem assistir a minha peça”. “Eu nem te conheço, quem é você né”. Então a gente queria saber como essa população foi formada, quais eram os interesses dela. Quais eram os interesses do presente. Então a gente tava com isso, que a gente queria conhecer o território. E aí a gente assistiu uma reportagem, passou uma reportagem de um período de seca numa barragem lá no Rio Grande do Norte e a barragem tava tão, a água tava baixando tanto que a cidade, tinha uma cidade que tinha sido afundada com a barragem e a cidade se chamava São Rafael. E a cidade tava emergindo. E aí a reportagem falava, nossa junto com a cidade que tá aparecendo, as memórias das pessoas tão vindo contar, “ah eu ia naquela igreja sentada no banco daquela praça.” Aí a gente falou nossa que coincidência. São Rafael, trabalhando com memória, aí a gente falou só que aqui o disparador da memória não vai ser a seca, vai ser a chegada do nosso grupo de teatro. Então é isso que vai disparar a memória das pessoas, como que era aqui. E aí a gente ia pra feira, começava a fazer pesquisa, as pessoas contaram da fundação, que boa parte população nordestina veio pra cá. Depois lá no fundo tinha um pessoal que era dos japoneses, que tinham até uma parte do Parque do Carmo na época né, era uma parte de território assim, eles ia muito pro plantação de hortaliças, coisas. Também teve uma galera, isso já depois nos anos 70, tinha, onde é Chácara Klabin hoje, tinha uma favela chamada Vergueirinho e esses moradores foram despejados. E boa parte deles vieram aqui pro São Rafael também. E aí a gente foi contando essa história e como também muitos habitantes daqui tinham, tem essa origem nordestina, a gente pensou em justificar essa fundação daqui com a cidade sendo submersa lá. Então ah minha cidade, porque gente, a gente assistiu os documentários

né...muito triste assim as pessoas tendo que subir com mala, a cidade, a água começando a chegar. A gente chegou a ver tape assim de a água chegando na porta das casas e as pessoas não tinham saído ainda porque não acreditavam que água ia chegar. Quando a água chegou na porta de casa isso tem um [trecho no texto né – Int.], e aí que a gente saiu, né, então pra gente foi muito legal se conectar xxx dos nossos pais e dos nossos avós, mas era só uma primeira parte, era só a fundação do bairro então descobrindo tanta história não ia dar pra chegar no fim, vamos parar na fundação. Fizemos espetáculos de rua no São Rafael, porque a gente queria que as pessoas nos conhecessem. Tinha que ser na rua e a gente queria conversar com as pessoas e foi muito especial assim. Foi como se a gente tivesse descoberto o nosso teatro porque para além da *Rádio* que tinha uma temática pronta, a reciclagem, essa não a gente tava inaugurando. Nossa isso foi tão especial e dentro do processo tiveram coisas muito especiais porque esse primeiro *Narrativas Submersas*, hoje a gente tem uma nova versão dele que é só com os atores que continuaram no coletivo. Mas essa primeira versão a gente fez junto com moradores aqui do bairro, com um grupo de teatro de umas crianças no bairro vizinho, com umas senhoras que trabalhavam no posto de saúde. Então era uma salada essa peça. O elenco ia de seis anos até mais de setenta. E todo mundo e era muito bacana, então como eram retirantes, dava muito essa cara tem criança, tem adulto, tem jovem, tá todo mundo ali naquele meio. E essas pessoas viveram assim experiências muito legais assim também com a gente. A gente por tá com elas e descobrindo nelas o descobrir do teatro. Então pra eles era uma novidade colocar o figurino, porque a gente faz no teatro do nosso bairro, veio o figurino agora. Agora eu sou um ator né. Depois a gente foi convidado a apresentar num fechamento de todos os bairros que foi no Ibirapuera. Aí a Seba? que era uma dessas velhinhas falou “nossa eu nunca vim no Parque do Ibirapuera” e lembra amiga, a outra, a Nalva não saia há muito tempo, as crianças nunca tinham ido ao Ibirapuera, então é mais que teatro que a gente tá fazendo aqui. São outras coisas. Cara é isso que a gente tem que fazer. Escrevemos o VAI no ano seguinte que aí a gente queria falar do presente. Então essa foi a fundação do bairro, foi maravilhoso interagir com os moradores. Aí no ano seguinte a gente queria falar do presente: como é que foi a nossa infância nos anos 80, nos anos 90. A gente tinha as nossas memórias também né. Tinha racha na Avenida. Como a era a feira, do quê que a gente brincava. E esse espetáculo chamou *Lembranças do Quase Agora*. E aí a gente também deu um passo na questão de trabalhar com artistas-moradores. A gente procurou fomentar esses artistas moradores com um mínimo que fosse ali também de uma... de um cachê de participação, né. Porque a gente tava pensando isso de tentar formalizar um pouco né pra pessoa tá ali naquela disposição de somar com a gente. A primeira experiência

do pessoal que foi voluntário foi muito incrível, mas a gente sente que precisa... É um trabalho né? Como é que vou falar que é possível para um artista morador ele viver disso se ele não ganha nada quando ele apresenta né. Então no *Lembranças do Quase Agora* teve essa premissa que foi quando chegaram o Rogério e a Mônica que são os integrantes que tão conosco até hoje. Então eles entraram em 2015 e tão conosco até hoje. Então além de mim, Michele e Paulo, tem mais a Mônica e o Rogério que fazem essa frente aí com a gente. E aí era a segunda parte dessa trilogia do São Rafael. Fomos pra feira de novo. Gente, não, agora a gente quer saber como foi há pouco tempo. Anos 90, lembra do racha. Ah lembra do carrinho de mão, lembra dos Ursinhos Carinhos. Era tanta coisa aleatória que aparecia. E os Ursinhos Carinhos a gente fez até uma cena dos Ursinhos Carinhos e também pensamos um pouquinho na questão dos trabalhadores. E aí a gente decidiu então fazer um figurino todo com as roupas do Gari. Também o Racionais tinham lançado Cores e Valores, e a gente falou puxa que bacana essa ideia né de apresentação e figurino e aí gente trouxe e foi muito massa, porque aí a gente começou a investigar esse outro lado do São Rafael. A gente começava na Avenida e descia pra essa parte baixa que a Michele fala que é o nosso lado B aqui. Então quando a gente ia chegando aqui embaixo, a peça terminava num bar. Gente eu juro pra vocês, os caras do bar, a gente tava no meio da ladeira ainda e tava acontecendo cena e os caras gritavam: vem! Pode vir! Vem logo! Já abrimo aqui! Porque no final era um samba que acontecia, a peça terminava toda vez com um samba, e toda vez esperavam a gente. “Então vai começar o samba?” Era toda vez a mesma música. Era muito especial assim. Aí gente falou cara como é bacana isso que a Michele falou das pessoas reconhecerem que é um grupo de teatro, reconhecer que aquilo ali é um evento que acontece com regularidade, sempre na mesma hora. Então as pessoas vão mudando o seu pensamento né, elas também. Acho que uma coisa que aconteceu e que a gente começou a ver as pessoas construindo um repertório teatral. Uma oportunidade que eu não tive, que a Michele não teve de construir no nosso bairro quando a gente era criança, jovem, um repertório de teatro. E a gente vê que só pela nossa chegada no grupo, a luta pela Casa de Cultura aqui de baixo, outros grupos apresentando no território, isso vai mudando o espectador daqui. Então, essa questão do público formar seu repertório no teatro. Então essa questão do grupo formar o seu repertório de teatro. A gente tem notado nas crianças, antes da pandemia né. Quando a gente ia apresentar, elas viam a gente montando o cenário. O que vocês vão apresentar hoje? A nossa peça. É a peça do funk? Aí quando chega outro grupo. Eles vão fazer o que? A peça do Gonzaga? Porque tem um pessoal do CT que vem aqui fazer o Gonzaga. Não, não é a peça do Gonzaga. Então eles começam a construir um repertório, a ver diferenças entre aquilo que eles

assistem, a considerar o que é bom, o que é ruim. Só que se isso não existe, não tem como. Ninguém gosta daquilo que não conhece. Então é só a gente conhecendo apresentando variedade aí as pessoas vão conseguir formar seu gosto ou não a partir da oportunidade de poder viver aquilo né e esses dois gente tava na rua né. Aí finaliza a trilogia do Parque São Rafael com o *Labirinto Selvático*, que foi em 2016. Aí gente foi muito luxo, porque a gente ganhou o VAI-2. Aí a nossa grana dobrou! A gente ficou maluco. Então imagina você ganhar X e ganhar 4X, você fica maluco. Cara, a gente falou, também agora a gente vai botar pra quebrar com esse espetáculo. E aí a gente conseguiu alugar uma sede também porque a grana era maior, então permitiu que a gente alugasse a sede. A gente já tinha saído da minha casa porque eu fui despejada pela minha própria mãe. Tive que sair da casa e aí a gente acabava ensaiando em praça, ou alugando os espaços no bairro pra ensaiar, mas não era nosso, então a gente tinha dificuldade em deixar as coisas. Vocês viram que a gente tem um acervo já considerável assim, pra ficar na casa de um e de outro. Então com o VAI-2 em 2016 a gente conseguiu alugar um espaço que era esse galpão, que foi muito fantástico, com essa verba a mais a gente comprou coisas que ajudou o grupo até hoje também, que são os refletores, equipamento de som. Muita coisa, computador, projetor. A gente tinha sempre essa preocupação de que o recurso não se esgotasse ali porque a gente nunca sabe quando a gente vai ganhar outro edital. Então que esses recursos virassem coisas que poderiam depois nos ajudar a levantar outros recursos ou seguir com nosso trabalho. Instrumento musical, a gente comprou muita coisa. Instrumento, além da gente poder usar fica na disposição de emprestar pra outros coletivos né. Então foi muito especial o VAI-2. Só que não era baseado na memória das pessoas. Porque a gente queria falar do futuro do bairro. Aí a gente foi pra feira com uma bola de cristal e as pessoas tinham que imaginar como seria o futuro no bairro. Quê que você acha que vai acontecer no São Rafael daqui a 50, 100 anos. E a gente foi recolhendo essas histórias, essas imaginações que as pessoas tinham, as nossas próprias, a gente também participou desse jogo, o quê que a gente acha que vai acontecer. Mas uma coisa era muito recorrente, que era a explosão do complexo Petroquímico. A gente mora vizinho ao complexo Petroquímico aqui e muitas pessoas achavam que o que ia acontecer no futuro era a explosão da Petroquímica. Então a gente decidiu contar o *Labirinto Selvático*. Esse futuro do bairro ele ia começar no primeiro dia do futuro do bairro então, no dia que a Petroquímica explodiu. Então a peça começava, a gente tá lá fora, recebendo o público, cantando uma música e aí começa. Atenção (com um barulho de explosão depois) atenção moradores, a petroquímica explodiu, protejam-se nas suas casas e abrigos. E aí a gente saía correndo (aii socorro gente!) com as pessoas e enfiava o público todo dentro da nossa sede

que é um galpão e baixava a porta de ferro (Blum!). Aí tamo aqui trancado. O caos se instalou lá fora, o que é que a gente vai fazer aqui dentro né. A gente pensa muito nisso no corona agora que tem muitas coisas que o labirinto discutia ali numa situação de reclusão que apareceram depois, cê fala que o teatro, ele é visionário ele vê a frente. Mas com a gente teve muitas coisas que aconteceram no labirinto, a gente discutia, hoje é real. Por exemplo, dentro da peça como eles tavam trancados tinha um político, que ele queria fazer a distribuição de comida, ele se considerava uma pessoa melhor porque ele era um gestor. Então, ele sabia como gerir o que cada um ia comer e tal e também tinham situações de violência contra a mulher. Onde que a mulher contava relatos de violência e aí a gente perguntava. “Meu e agora que a gente vai construir um mundo novo? Que mundo é esse que a gente vai construir. A gente vai continuar sendo as mesmas pessoas?” Na época eu acho que a gente tava até mais esperançoso. Hoje eu acho depois desse caos a gente vai continuar a ser as mesmas pessoas, infelizmente. Só que de máscaras agora.

Renata CPDOC Guaianás: Deixa eu aproveitar o embalo, como é que foi pra vocês esse período durante a pandemia?

Gabriela Cerqueira: Então, a pandemia, ela veio assim pra dar um strike negativo no grupo porque no ano passado aconteceu uma coisa muito bacana. O ano passado, 2019, nós fizemos dez anos de grupo, 2009-2019, e a gente decidiu que a gente queria fazer uma mostra de repertório aqui no São Rafael porque justamente na primeira fase do grupo como a gente se apresentava no centro, os nossos companheiros aqui não conhecem essa primeira fase do grupo. Então a gente queria fazer uma mostra de repertório do grupo pra todo mundo conhecer, de fato, todos os trabalhos do Rosas. Aí a gente escreveu um fomento pra 34ª edição que é “Dez Anos de um Teatro Maloqueiro”, “Teatro Maloqueiro: Dez Anos Rosas” que a gente também inventou esse nome. Nos últimos tempos a gente falou que o nosso teatro é um teatro maloqueiro, um conceito aí que a gente tá defendendo. Aí a gente colocou: “Rosas Faz Dez Anos: Memórias de Um Teatro Maloqueiro”. Fomos aprovados, a gente mandou pro fomento à periferia e mandamos pro “fomentão”. Não fomos aprovados no fomento à periferia, começamos a chorar. “Gente agora qual a nossa chance, se a gente não entrou pros periféricos, pra esse grande a gente não vai entrar”. Mas foi, menina, aí veio a notícia, entramos no fomento: “aaah não acredito!!! Finalmente conseguimos!!! E esse ano a gente ia começar finalmente o projeto. Viemos aqui, março, agora caiu o dinheiro. Aprovou, caiu o dinheiro. Até aí fomos aprovados, mas o dinheiro não caiu. Caiu o dinheiro, agora vamos começar a trabalhar gente. Viemos aqui na sexta-feira. “Vocês tão vendo esses papos de corona? Tá estranho esse papo de

corona, será que vai parar mesmo gente?”. Não vamo marcar nossa agenda aqui, vamo fazer nossa agenda. Brasil é Brasil, não dá pra saber o que vai acontecer. Na segunda-feira foi decretado que tivesse distanciamento social, quem pudesse ficar em casa, o teatro fechado. E a gente falou: “nossa a gente fez toda a nossa agenda e agora vai ter que parar né. Esse projeto assim como outros grupos que foram contemplados nessa edição, não foram ainda planejados como os novos editais que tão saindo esse ano pra serem, com a possibilidade de serem on-line. Então toda a ideia do nosso projeto foi planejada pra ser presencial, era uma mostra de repertório né. Então agora a gente tá um pouco na dúvida de como prosseguir. Se a gente faz adaptação. O fomento permite que a gente faça adaptação de algumas atividades pra serem on-line. No entanto, você tem que garantir a frequência das pessoas e principalmente a frequência das pessoas do território né porque a gente não ia mostrar o nosso repertório pra toda a cidade de São Paulo, pra quem quisesse ver no mundo. Era um projeto bem territorial mesmo. Então a gente tá um pouco na dúvida se a gente vai conseguir atingir essas pessoas. Se esse recurso público vai ser de fato bem utilizado quando a gente decidir fazer on-line. Porque além da nossa experiência das apresentações que a gente tem e até assim foi diferente, o Rosas on-line merece um parágrafo aqui, mas a gente também atua como professor, então a gente sabe como que é a realidade na periferia. A internet na periferia, principalmente na pandemia. E agora que a gente precisa, fazer live, fazer aula ou receber aula, você vê as... você vê como é diferente a qualidade da conexão que as pessoas tem, dependendo de onde ela tiver. Então a gente não tem segurança que a nossa população aqui vai conseguir acessar as nossas atividades on-line de uma maneira que seja...com o impacto que a gente queria gerar com esse projeto né. Por outro lado, se a gente não fizer, a gente perde o recurso e aí isso é pior ainda porque isso é um dinheiro que veio alocado pro Parque São Rafael, na zona leste de São Paulo. Então é um recurso valiosíssimo e a gente não pode também “ah então não da pra fazer” e não vamo fazer e deixa o dinheiro passar. Porque isso nunca aconteceu. É a primeira vez que um grupo no São Rafael ganha o fomento. A gente escreveu isso né, eles fizeram um livro de 12 anos de fomento. A gente colocou lá no livro. No livro é muito bom esse livro que ficou provado que não tem ninguém aqui do bairro que ganhou esse projeto. Então a gente tá meio assim nesse momento de decisão. Ou a gente também pode decidir também voltar e se arriscar assim, ter uns encontros clandestinos, a gente não sabe, então aí no meio da pandemia. O ideal seria aparecer a vacina e a gente conseguir fazer como a gente imaginou. Mas talvez não seja isso que aconteça né. E aí sobre esse momento on-line, que completa, a gente tinha medo, a gente foi. A gente teve duas experiências, três, quatro experiências. Mas duas que foram bem marcantes nessa pandemia.

Acho que a primeira foi uma contratação do SESC 24 de maio a partir do espetáculo Ladeira das Crianças. Então a gente ia fazer histórias e brincadeiras a partir do espetáculo. Então, coisas que a gente sugeria no espetáculo, como que isso poderia virar no dia a dia de uma criança uma brincadeira. Então o Paulo lá no vídeo ta soltando capucheta. “Sabe fazer capucheta? Então vamos fazer capucheta [é isso mesmo]”. É... e foi muito feliz. A gente teve muitos acessos. E a gente pensou, caraca vamos aprender a fazer uma capucheta. E foi muito feliz, a gente teve muitos acessos. E a gente pensou: “caraca que coisa incrível”. Porque pra lotar uma plateia, seja na rua ou num espaço fechado, isso fica difícil. E você ter quinhentas, oitocentas visualizações, coisas assim, se você for mensurar numa plateia é como se você tivesse com a plateia cheia. Então a gente sempre fica brincando: “no mundo on-line o Rosas tá com plateia lotada, nunca vi, que cheio.” Mas a gente pensava assim, como a rede do SESC é muito grande pode ser que tenha a ver, as pessoas tão naquela rede grande, então acaba vendo as nossas coisas. Mas aí depois a gente foi fazer também uma circulação nas bibliotecas municipais. E aí foi o mesmo resultado. Um monte de visualização alta na nossa página, nas páginas das bibliotecas. E aí a gente pensou: “cara olha aqui um lugar que a gente não achava que não tem nada a ver com a gente, teatro on-line talvez né” o nosso público periférico, será que isso vai colar. E aí foi diferente. Para além do público periférico, com certeza a gente chegou em outras pessoas assim né e foi muito bacana.

Renata CPDOC Guaianás: Ai que legal hein. Muito importante, a gente faz muitas lives. E começa a falar. Será que tá chegando? Tá chegando em quem né? Eu tenho mais percebido esse vídeo ao longo do tempo, como ele fica como as pessoas vão visitar, porque foi uma chuva de lives. Gabriela, fala um pouquinho pra mim porque Rosas Periféricas e logo de vocês?

Gabriela Cerqueira: Pô gente, quando a gente começou né: vamos formar grupo de teatro! Que legal o grupo precisa ter um nome, um nome de grupo. Ai meu Deus o nome do grupo. Grupo muito democrático, fizemos muitas eleições. Nomes, nomes. E aí o primeiro nome que a gente teve não era Rosas Periféricas. Era grupo Rosas do Vento. E até era uma sugestão da Michele né, porque lembra amiga, ela trazia as rosas como esse “as rosas” né com esse poder da energia que ela representa, a energia feminina. Ao mesmo tempo que é uma planta muito bonita e cheirosa, ela é cheia de espinhos né. Então é uma representação legal e dos ventos porque a gente queria levar nosso teatro pra muitos lugares, que ele fosse aí viajando pelos ares. Mas logo depois, assim um ano depois, quando a gente começou justamente a fazer o Vênus e

ia pros guias, guia Off, a gente começou a reparar que tinha um outro grupo que tinha o nome muito parecido. Era o grupo Rosa dos Ventos e o nosso era Rosas do Vento. E aí a gente começou a ficar em pane assim, meu vai dar um problema. E começou a dar mesmo porque esse grupo era mais famoso na época que a gente. E aí ah vocês são do Rosa dos Ventos, não nós somos das Rosas do Vento. Aí a gente falou cara isso não vai dar certo, vamo ter que trocar o nome do grupo. E aí acho que a gente tava mais nessa, abrindo a nossa cabeça, pensando em território. A gente já tava com essa ideia de investigar a zona leste e tudo, e aí surgiu então, vamo manter as Rosas, só que agora Rosas Periféricas. E aí nós estabelecemos assim não teve mais ninguém com o nome próximo até então né. Se aparecer, gente ceis que vão ter que trocar agora. Mas foi assim que veio o nome e nos representa muito assim. Na época até quando a gente mudou pra Rosas Periféricas, eu lembro que eu achei até meio panfletário. Porque há um tempo atrás você falasse periféricas! Mulheres no poder! Eu e a Michele trabalhamos no CIM que era um Centro Informação Mulher, a gente fazia teatro feminista na rua, assim há uns dez anos atrás. Não era como é hoje. O movimento das mulheres, o movimento dos periféricos, o movimento negro, as coisas tão numa ebulição fervente agora. Mas há um tempo atrás você era meio panfletário, você era o cara que tava levantando a bandeira da mulher na feira, levantando a bandeira do periférico, não era sentido como um momento de poder. Então na época eu até achei assim. Cara será que esse nome não é muito panfletário pra fazer isso. Mas tava completamente enganada né. Tudo o que você vai passar, não tem nome que nos represente melhor.

Renata CPDOC Guaianás: Sobre concepção, você falou que vocês tá fazendo teatro maloqueiro, usando funk. Como que é isso pra vocês? É o caminho mesmo? Agora vocês falaram, vamo seguir por aqui e é isso que a gente faz. Vocês fazer também outro tipo... o primeiro espetáculo eu entendi que era teatro fechado. Como é que vocês estão nessa concepção de cena, concepção estética?

Gabriela Cerqueira: Então a gente começou a usar esse termo, teatro maloqueiro, ele veio nascendo. Antes a gente falava que a gente fazia era um teatro pobre, a gente falava que a gente fazia um teatro de bairro, que era um diretor do bairro ou atriz do bairro que vai ali apresentar. E a gente brincava muito com esse lugar. Com um lugar de não ter as coisas, com um lugar de não ter... Isso e muito artesanal, é muito roots. Então, mas não tinha aparecido o termo ainda. Entre nós a gente falava cê e mó maloqueiro. E aí a Michele começou a trazer isso também.

“Meu cêis quebraram o cenário aqui, cêis são muito maloqueiro, não dá pra fazer teatro assim gente”. “Rasgou o figurino, os maloqueiros eles rasga. Teve um dia, uma criança que fazia narrativas com a gente, fez um buraquinho, ao invés de falar costura aqui, ah é muito maloqueiro junto, não dá. Comia muito pão com mortadela, muito nossa, teve uns projetos como os recursos do VAI não são tão altos, o dinheiro do lanche era o pão com mortadela. Então eram várias coisas que caracterizavam a gente assim com esse teatro mais artesanal. E aí de uns tempos pra cá a gente começou também a investigar, na rua, a gente viu esses tipos maloqueiros. Quando a gente começou a investigar o teatro funk né, porque a gente começou a perceber que a gente fazia muitos eventos aqui. Mas os eventos mais legais eram no final do evento porque no final do evento acabou o sarau, acabou a reunião, acabou a festa. Liga o som e a galera ficava ali curtindo. Aí quando tocava funk aí que o grupo começava a encher a sede. Aí eu falava gente tem alguma coisa errada, chegava no final e falou assim, cara o funk é tão legal, ele deixa as pessoas tão felizes. As pessoas querem tá ali naquela comunhão. Eu quero fazer um teatro que seja assim. Que as pessoas queiram tá tanto quanto elas queriam tá no funk. Poxa, só se a gente fizesse um baile, parasse o baile e começasse uma peça, assim no meio do susto, pra pessoa ser surpreendida e ter que continuar ali. “Aí pô nada a ver, mas sabe que essa ideia é legal, teatro funk”. Será que a gente não conseguiria? Porque aí as pessoas iam chegar pra ver né? A gente começa lá no passinho aí chega pra ver. “Mas não é teatro?” Aí chega. E aí a gente começou a investigar esses tipos assim. E aí o termo foi se aproximando, chegando, até que a gente realmente o que a gente faz é um teatro maloqueiro. É um teatro maloqueiro porque se você for pegar a etimologia da palavra, tá ligando às pessoas da maloca, primeiro, maloca indígena. Então já começa nesse sentido pejorativo. Então você é maloqueiro, você é como um indígena. E depois, hoje em dia, os termos atuais, o que é um maloqueiro. Um jovem...está no dicionário, “jovem que perambula pelas ruas”. A gente é jovem que perambula pelas ruas. “Jovens mal-educados”. Porque nós não conseguimos estudar nas melhores escolas, nós fomos mesmo mal-educados. Então a gente começou a ver que era um termo que falava muito com o que a gente era. Só que agora a gente não vê mais dessa maneira pejorativa. Hoje a gente usa o maloqueiro com muito orgulho, como realmente um conceito. Como um nome de uma coisa que a gente faz né. E aí chega brincando, vou tomar água não tem. Teatro maloqueiro, ó onde os banco tá sentado.

Renata CPDOC Guaianás: teatro maloqueiro e sofredor, tá faltando essa parte

Gabriela Cerqueira: Maloqueiro e sofredor gente. Eu vou dizer que o time do Rosas é o Corinthians.

Renata CPDOC Guaianás: E vocês se influenciam em alguns outros grupos, em algumas enfim. Você já falou de teatro pobre, Grotowski. Que outras influências vocês tem da cena do teatro e grupos também?

Gabriela Cerqueira: Olha eu acho que como assim a base do grupo, a gente teve esse começo no SESI, a gente primeiro é apresentado ao teatro clássico né, a grandes grupos, mas conhecer a nossa literatura assim foi importante. Primeiro com o Walter. A gente descobriu um lugar importante aí esse tipo de literatura periférica marginal é mais interessante. E uma coisa importante que o VAI faz é articular, fazia, não sei se hoje como é que tá isso, mas era a articulação do território, entre os grupos que tão no mesmo território. Então a gente começou a conhecer o trabalho do CTI que é a Cia do Teatro na Investigação, o pessoal do Buraco do Oráculo também. É... o Paulo, nosso amigo, trabalhava na Cia do Feijão, então a gente acabava assistindo muita coisa do feijão também, embora eles estejam ali no centro, nesse contexto USP, então pra gente é importante beber de várias fontes. E acho que eles fazem um trabalho de pesquisa interessante. Então isso pra entender trabalho de pesquisa pra gente foi muito legal. Quem mais Mi, que você acha que dá um norte assim pra gente? Teatro Hip Hop, Coletivo de Teatro Narradores também. Quando a gente, a gente no SESI assistiu a *A Vida é Sonho*, teatro do teatro hip hop do Núcleo Bartolomeu de depoimentos. Isso também foi uma coisa bem impactante pra gente porquê e a gente gostava de Hip Hop, que coisa sensacional, né. Até quando a gente foi fazer o teatro funk a gente lembrou do teatro hip hop, lembrou do CTI que faz o teatro baile né. Claro não é novidade unir teatro e um gênero musical. Então é importante beber desses grupos que foram abrindo uma frente pra gente mesmo né. E eu acho que pessoalmente cada um traz uma vivência né dentro do grupo, aquilo de teatro que assiste ou que mais conhece né. A Mônica é muito ligada com o teatro popular, com o teatro dança, então ela tem sempre esse olhar. O Rogério se formou no doutores da alegria recentemente. Então ele tem sempre esse olhar circense, o olhar do palhaço, ele costuma trazer esses coletivos, por exemplo, como exemplo pra gente. A Michele na verdade tem toda essa referência do teatro negro, vai trazer todo um outro lado pra gente. O Paulo tem uma vivência interessante, que ele tem uma drag queen, que é a Helena Black. Então ele vai trazer um outro universo pro grupo. Então, além da gente pesquisar diferentes coletivos a gente consegue ampliar assim, entre nós, por sermos diferentes e cada um ter uma pesquisa a gente consegue ampliar assim. Acho que é muito importante assistir teatro, ver teatro. Quem quer fazer. É o que você faz. Se você é médico, você vai assistir que? Cirurgia né. Então quem faz teatro vai ver peça, vai ver filme, vai ver essas coisas.

Renata CPDOC Guaianás: E como é que vocês se organizam aqui? Vocês tem direção. E determinado quem é direção? Como é que vocês definem as relações. Quem vai fazer tal e tal personagem, como é que é isso?

Gabriela Cerqueira: eu acho que a Michele falou uma coisa muito legal que é um ambiente democrático. Então até...quando cada um aqui, além de todo mundo fazer tudo. Mas cada um tem uma função que puxa mais a frente. É... e esse espaço democrático, ele foi se construindo. Assim, então até pra definir as funções não foi assim, você vai fazer isso, você vai fazer aquilo. O que a pessoa foi se sentindo mais a vontade. Ao longo do tempo de grupo que a gente foi percebendo também. Essa pessoas vai bem aqui, essa pessoa vai bem aqui. Muitas vezes quando a gente falava pras pessoas que a gente tinha um coletivo democrático. “Nossa não vai dar certo, difícil né?” “Ah não eu já tentei, eu já tentei fazer grupo democrático. Não deu certo, depois cêis me contam.” Muitos maus agouros, mas a gente resistiu assim. Tamos aí, onze anos num processo democrático pedindo a opinião de todo mundo. A gente tinha o Everton né fez parte do grupo um bom tempo. Everton entrou... o Everton Santos, ele entrou pra fazer, na época da performance... Não entrou até antes né? Entrou pra *A Mais Forte* e ficou até *Lembranças do Quase Agora...até o Labirinto [?]* e ele era...como o Everton, ele é um menino muito especial assim, ele tem uma lábia. Quando ele... a gente teve sempre que arranjar outros trabalhos pra manter o nosso grupo né, professor, garçõete, mil coisas, recepcionista. E o Everton trabalhava no banco, quando ele foi conquistar essa vaga no banco, o cara falou pra ele, “mas você é formado em teatro você quer trabalhar aqui no banco?” “Teatro é bom em fazer marketing”. Cara, eu contrataria o cara na hora! Teatro é bom em fazer marketing, a vaga é sua. Realmente você tem uma outra concepção. E esse menino entrou no banco gente e aí, mas foi muito bom pra gente porque ele aprendeu milhares de conceitos ali interessantes pra gente gerir o grupo né porque a Michele fala isso, a gente que é artista, a gente... ah eu sou contra o dinheiro, eu sou contra o capitalismo, não quero saber, não vou pensar em dinheiro. Mas o Everton e a Michele trouxeram muito essa visão de não, gente isso aqui é um coletivo, é uma empresa né, a gente precisa ter um fluxo, ter um caixa pra se acontecer uma emergência a gente ter de onde a gente tirar um dinheiro. Pra gente poder projetar novas coisas né. Então o Everton tomava muito conta desse financeiro e ele organizou isso muito bem assim. Mas aí ele saiu do grupo e quando ele saiu a gente falou assim, ai meu Deus, agora as contas vão ficar enlouquecidas. Mas aí a gente tem a Mônica Soares e o Rogério que nesses outros trabalhos que eles acumularam antes né e não só com o teatro, eles eram contadores. Então a Mônica assumiu essa parte da contabilidade

do grupo, que o Everton já tinha iniciado, mas ela seguiu maravilhosamente bem, é uma menina muito organizada. Então, além de ser uma grande artista, ela contribui também nessa parte financeira. O Rogério, então contribui como artista e traz contribuições com a formação dele do doutores da alegria e traz contribuições também quanto à técnica, como organizar fio cabo câmera, que a gente fala que o quartinho que tá bagunçado, é o quarto do Rogério. Porque é o quarto da técnica, então ele é o responsável por cuidar dessas coisas. A Michele é a nossa produtora, rainha, mãe, dona da porra toda, ela que coordena tudo. Então, por mais que a Michele faça atividades de produção, porque ela também trabalha como produtora, ela tá sempre numa coordenação geral. Ó financeiro tá andando, técnica tá andando, pessoal da escrita tá andando. Então ela coordena todo o trabalho. O Paulo Reis tem uma dedicação mais com a comunicação. Paulo fala muito bem com as pessoas, vende muito bem nossas ideias. Então esse é o trabalho dele, muito importante. Eu trabalho mais com essa parte da escrita, de quando a gente tem que mandar algum projeto. Essas coisas né, que eu gosto de me ver ali envolvida com a palavra. E como a Michele falou, tudo isso a gente teve espaço pra ser quem a gente é e pra dizer o que a gente queria fazer né. Eu, por exemplo, não gosto de, por exemplo, fazer produção executiva. Eu sou uma, quando eu vou com eles, eu atrapalho. Vou lá na 25. Ah já tá na hora de ir embora. Ah não aguento mais carregar. Ah pega esse mesmo, já tá muito lotado. Isso atrapalha. Então não adianta você querer fazer uma coisa que não faz bem, ou não faz com vontade. Faça o que você tá com vontade e tudo vai melhor. Então a gente tenta respeitar isso. Claro que tem momentos que não dá porque exige que todo mundo coloca a mão na massa de tudo né. Então também pra todo mundo levar com leveza né no momento que der pra gente viver só do Rosas. Enquanto a gente tiver a gente tiver que fazer outras coisas, a gente sempre tem que levar com leveza.

Renata CPDOC Guaianás: Uma última pergunta assim. Se vocês tivessem que definir um objeto, algo que marca a vida do coletivo pra colocar num museu. Isso sintetiza a história de vocês. Que objetos que vocês colocariam lá?

Gabriela Cerqueira: Aí que pergunta difícil...Ai cara, não sei, primeiro eu vou falar um objeto de uma, depois eu falo um sério tá. Se fosse um objeto de humor eu colocaria a cueca do Paulo. O Paulo ele se troca aqui na sede, ele faz desse espaço, realmente a casa dele. Então a cueca do Paulo já passou por todos os lugares aqui do espaço, todo mundo sabe qual é a cueca dele. Ela nos representa assim. Pode tá em qualquer lugar do mundo a cueca dele é a do Paulo do Rosas

Periféricas. Mas agora vai o objeto sério, deixa eu pensar, deixa eu pensar um objeto sério. Olha não é porque eles tão lá atrás de mim, mas eu acho que o estandarte é um objeto que nos representa porquê... primeiro por levar o nome do grupo. Segundo, porque os estandartes são usados em situações de comemoração, de situações de cortejos, em que as pessoas tão trocando juntas, tanto público, quanto quem tá dentro de um cordão, dentro de... quem tá levando pro cortejo. Então eu acho que é um objeto que nos representa assim, representa a nossa ida pra rua, representa o popular, ele representa o que é artesanal. Tanto esse quanto esse [mostra] foram feitos por mulheres que em algum momento tiveram relação com o grupo. Esse aqui foi feito pela minha ex-sogra, esse aqui foi feito pela cunhada do Paulo, então acho que a Michele falou muitas coisas especiais assim pra gente hoje. Eu acho que não tem nada no Rosas que foi eu fiz isso, ou só grupo fez isso. Tudo o que a gente tem foi construído a muitas mãos. Mãos que talvez a gente não saiba nem quais são. Não sei se eu lembro tudo mundo que comprou uma trufa mais hoje, né. Ou que, sei lá, de alguma maneira tava ali, um professor dando aula, alguém que te falou alguma coisa que te inspirou, então muitas mãos fizeram com que a gente chegasse aqui hoje né. É muito bom fazer parte desse grupo.

Renata CPDOC Guaianás: Ah que linda! Gabi te agradeço demais, demais, linda essa narrativa toda.